



## A GUERRA REVOLUCIONÁRIA E O MISONEISMO

*Cel Eng. QEMA-Marius Trajano Teixeira Netto  
Transcrição da "CULTURA MILITAR"*

**N**ÃO estranharíamos se por ocasião de estudo de situação para elaboração de Planejamento de Segurança Interna de determinada Área, fosse, assim, apreciado o inimigo interno: "Não está perfeitamente definido. Qualquer medida para enfrentá-lo terá que fundamentar-se, forçosamente, em conjeturas". Tal fato viria confirmar o que há muito estamos assinalando neste particular a cada momento e em diferentes oportunidades de nossas atividades profissionais. Embora, muito já se tenha difundido e transmitido, sobre a Guerra Revolucionária de inspiração marxista-leninista, nos nossos diversos estágios de ensino — formação, aperfeiçoamento e altos estudos —, ainda somos levados à conclusão de que, em dilatado espaço de tempo, o fato de gerações sucessivas de militares terem sido formadas e adestradas exclusivamente para a Guerra Convencional, vem constituindo sério obstáculo à assimilação e à percepção da verdadeira concepção da Guerra Revolucionária, a começar pela compreensão correta da sua própria significação. Assim, não seria exagero a pergunta: Será a Guerra Revolucionária, realmente, revolucionária? Muitos ainda não se deram conta de que os métodos clássicos de conflito e os respectivos raciocínios aqui sofrem limitações na sua aplicação. Quando se estuda a Guerra Convencional temos sempre presente a preocupação de bem conhecer o "Agressor" — a fim de compor o exercício —, o inimigo externo hipotético, onde vemos nos inteirar de sua estratégia, tática, suas técnicas, sua organização, armamento e outras características de emprego e desta maneira avaliá-lo, concluindo pe-

las suas possibilidades e probabilidades de atuação. É — sabemos — um dos fatores da decisão. Em um quadro real, o inimigo externo assume, naturalmente, maior objetividade e realce e constitui um dos aspectos fundamentais no estudo de situação. Contudo, quando se trata do inimigo interno, do Movimento Comunista Internacional, mesmo quando não se depara com referências como aquela inicial — “O inimigo não está definido” —, vamos sentindo e verificando que, com frequência, estamos sendo traídos pelas considerações e raciocínio de uma Guerra Convencional ao analisarmos o problema de Segurança Interna, que se nos apresente no contexto da Guerra Revolucionária. E mesmo quando se procura pensar em termos de Guerra Revolucionária já é em fase muito adiantada — ações repressivas e ações operativas —, quando nos deveremos considerar mais derrotados do que vitoriosos.

No celeberrimo Relatório do Gen Maxwell Taylor a McNamara sobre a Guerra do Vietname, que tanta celeuma trouxe com a sua publicação — em 1971 — pela Imprensa dos EUA (*The New York Times*), vamos encontrar uma conclusão marcante: “A Guerra deverá ser travada e ganha na mente do povo vietnamita”. Entretanto, as providências recomendadas neste mesmo Relatório são todas de ordem repressiva ou operativa, admitindo, assim, implicitamente, que a guerra estava ainda longe de ser vitoriosa. A falha das Grandes Nações Ocidentais não comunistas quanto ao entendimento da essência da Guerra Revolucionária, e a reação misonésta nelas existentes têm conduzido a insucessos seguidos e trágicos. O exemplo mais concreto e recente é o da guerra do Vietname. Mais uma vez podemos aí ver a insopitável tendência dos quadros militares profissionais de se voltarem para o conflito, como se fosse uma Guerra Convencional e não uma Guerra Revolucionária. Assim, o fim só poderia ser melancólico como foi o registrado.

Da obra de James Atkinson, “Política de Luta”, extraímos algumas citações que nos devem levar, ainda, a muita meditação sobre a Guerra Revolucionária, ao analisarmos aspectos que nos despertem, com rara felicidade, para a realidade, desta modalidade de guerra. Assim, ao citar Von Clausewitz, comenta que na obra clássica — “Ensaio sobre a Guerra” — deste grande pensador militar, é assinalado o fato de que a guerra é parte da vida política do homem e não um fenômeno independente, e realçada a circunstância de que “a guerra é apenas a continuação da política por outros meios”, atribuindo, assim, Clausewitz, especial relevo ao aspecto propriamente militar da guerra. Já Lenin introduziu a idéia de que a paz poderia, também, ser utilizada como instrumento da política. A doutrina criada pelos comunistas é destinada a uma guerra não tradicional. Por este motivo os métodos não tradicionais de luta têm sido predominantes no pensamento e na ação comunista. Lenin afirmava que os não comunistas seriam, fatalmente, vencidos, pois, ignoravam os fatores psicológicos e porque tinham escrúpulos. Lenin pesquisou muito Clausewitz, e ao debruçar-se com afinco sobre a obra deste mestre, deteve-se, particularmente, na dimensão psicológica da guerra, sempre em busca de idéias mais ligadas aos campos social, político e econômico, e que coincidissem com os princípios fundamentais do Marxismo. Nesta análise feita focalizou, ainda, com especial atenção os fatores psicológicos que contribuíssem, decisivamente, para o sucesso dos exérci-



tos revolucionários franceses, enquanto revelava falta de interesse pelos aspectos concretamente militares. Marx e Engels por sua vez já asseveraram que a guerra, tal como entendem e a compreendem os não comunistas, seria decidida "a priori" através da luta psicopolítica. Os comunistas empregam os termos "batalha", "esforço", "luta", "combate", "frente" e outros semelhantes, em situações que os não comunistas consideram de plena paz. Não admitem os comunistas a diferenciação entre paz e guerra tal como é, normalmente, aceita pelos não comunistas, e é por isto que qualquer declaração formal de guerra é considerada supérflua pelos comunistas. São concepções, verdadeiramente, revolucionárias que aquelas gerações de profissionais preparadas para a guerra convencional, ainda delas não se aperceberam ou não se convenceram. Daí a grande dificuldade das Grandes Potências Ocidentais em assimilarem e penetrarem na essência da Guerra Revolucionária, principalmente, porque a todo o momento estão sendo obstaculizadas em seus esforços pelo misonheísmo e pela mentalidade — voltada para a Guerra Convencional — dos seus quadros militares profissionais.

Da publicação "Técnica de Lavagem cerebral" de Charles Stickley, citamos o seguinte: "O comunismo já ocupa a sexta parte do mundo habitável. As doutrinas marxistas têm se infiltrado no restante. Em todos os países vamos encontrar algum prolongamento da ordem social comunista. O comunismo não se tem imposto pela força das armas e sim pela conquista das mentes. As técnicas científicas do domínio dos cérebros — altamente desenvolvidas — são, atualmente, a expressão mais sofisticada de tal conquista".

Um dos muitos autores sobre Guerra Revolucionária nos conceitua muito significativamente a Guerra Revolucionária, quando assegura que a "Guerra Revolucionária é muito mais uma Guerra de Almas do que de Armas".

Para fazer face àquele inimigo interno, vemos as constantes e seguidas prescrições no sentido de que as ações sejam integradas, coordenadas, que haja conjugação de esforços, e outras recomendações semelhantes, tudo através de órgãos específicos (CODI), que reúnem as Forças Singulares e outras expressões do Poder Nacional, existentes em determinada Área de Segurança Interna. Só esta insistência no tocante à integração, conjugação, coordenação de esforços e outras medidas análogas, é bem sintomática e traduz com fidelidade as dificuldades presentes, pois, não temos dúvida, uma vez se tratasse de uma Guerra Convencional, aquelas prescrições seriam basicamente desnecessárias, já que se efetivariam natural e inevitavelmente.

Assim, por este motivo, só dificilmente conseguimos alcançar a integração preconizada. Os óbices são encontrados a cada instante impedindo a concretização, daquelas prescrições. Houvesse, realmente, efetiva percepção da natureza da Guerra Revolucionária seria tudo facilitado naquele sentido, e os Estados-Maiores Conjuntos (CODI) das diferentes Áreas de Segurança Interna funcionariam naturalmente e com a plenitude requerida. Constituiriam, além disto, oportunidade valiosa para que se familiarizassem, nos seus trabalhos peculiares, os que destes Estados-Maiores Conjuntos participassem, e, assim, sem outros entraves e com o máximo de eficiên-

cia poderiam evoluir para Estados-Maiores Combinados nas hipóteses de luta interna de vulto ou na de guerra externa.

Pela doutrina marxista-leninista a vitória final do comunismo é um determinismo histórico. Assim, a sua agressão é permanente, o tempo torna-se, portanto, um fator muito relativo. Importa mais em ser mantido o processo de subversão em várias gradações e disfarces, até que o momento azado permita intensificá-lo na escala desejada, consumando-se na tomada do Poder.

Dentro deste quadro, que se procura delinear, onde estão presentes aquelas características do inimigo interno, a existência, ainda, de solo propício a fixação e desenvolvimento daquela doutrina marxista-leninista, e uma realidade política nacional conseqüente e inevitável deste estado de coisas, a preocupação será a de se justapor, sempre que possível, o Grande Comando da FT ao Governo Civil da Área considerada, de modo que na Fase Preventiva — vital na Segurança Interna e no contexto da Guerra Revolucionária — o primeiro possa proporcionar ao segundo todo apoio que se fizer necessário com a presteza e a eficiência requeridas, e naquelas fases mais avançadas se processe na ordem inversa o apoio que se fizer mister. Esta existência coincidente do Grande Comando Militar e do Governo Civil permitirá que os problemas de Segurança Interna sejam equacionados com a rapidez e precisão exigidas, e quando não possíveis de serem solucionados na própria Área considerada, poderão ser encaminhados com a celeridade indicada aos escalões superiores em condição de se pronunciarem definitivamente. Há, pois, que pesar na divisão territorial de uma Área, para efeito de Segurança Interna, os fatores que são preponderantes, os psicopolíticos, assim, considerados aqueles fatores que surgem — com freqüência muito maior do que se supõe — no campo político e psicossocial e que são de interesse capital na Segurança Interna e no quadro de uma Guerra Revolucionária.

Assim, chegamos às conclusões desta breve meditação sobre a sempre falada e ainda não, totalmente, entendida Guerra Revolucionária:

A Guerra Revolucionária é na verdade revolucionária. "É muito mais uma Guerra de Almas do que Armas".

O "Agressor", o inimigo externo hipotético, é por demais conhecido assim, também, o deverá ser o inimigo interno, o adepto do Movimento Comunista Internacional. O "Agressor" tem suas características próprias de atuação, sua estratégia, sua tática, suas técnicas, seu armamento, sua organização. O inimigo interno também as tem. É mister conhecê-las tão bem como aquelas do "Agressor".

Enquanto o Movimento Comunista Internacional vem aprimorando, há mais de meio século, com requintes, aqueles seus processos peculiares de ação — algumas vezes derrotado, mas vitorioso na maioria dos confrontos, e sempre colhendo preciosos ensinamentos —, os não comunistas ainda são principiantes para enfrentá-lo, também, com métodos não tradicionais de conflito.



Os fatores psicopolíticos são predominantes no quadro da Segurança Interna, sempre presente à Guerra Revolucionária.

Há que considerar a preponderância destes fatores e a realidade política nacional na divisão territorial da Área considerada, para efeito de Segurança Interna.

Há que pesar a necessidade inelutável de se justapor, principalmente, os Grandes Comandos da FT existentes ao Governo Civil da Área considerada (Estado da Federação), evitando-se na subordinação destes Grandes Comandos aqueles elos desnecessários e que possam causar retardos na execução das medidas de Segurança Interna, para a solução de problemas existentes e equacionados. Assim, como se retira meios de uma GU na guerra convencional para atender determinada zona de ação, também, se deve proceder quando se efetua a divisão territorial, a fim de se criar as Áreas de Defesa Interna que se façam necessárias, atribuindo-as a frações, daquela GU, que sejam Grandes Comandos — e que se justaponham àqueles Governos Cívicos —, subordinando-os, diretamente, ao mais elevado escalão de Segurança Interna (ZDI).

A Fase Preventiva de Segurança Interna é capital no quadro da Guerra Revolucionária, pois, quanto mais aumentar a freqüência e o vulto das ações repressivas, mais ficará caracterizada a nossa incapacidade de vencermos neste tipo de guerra. Nesta Fase deverá ser realizado o "esforço" das medidas de Segurança Interna, e basicamente nas Informações, Operações Psicológicas, Ação Comunitária e Relações Públicas.

O pleno funcionamento dos Estados Maiores Conjuntos (CODI) deve constituir preocupação constante e primordial, por parte dos responsáveis pela coordenação dos planejamentos e das ações de Segurança Interna na Área considerada.

Será pelo eficiente e completo desempenho destes Estados-Maiores Conjuntos que se poderá — sem solução de continuidade — passar para os Estados-Maiores Combinados em hipóteses de luta interna de vulto ou de guerra externa, com as imensas vantagens de tal fato decorrentes. A familiarização — nestes Estados-Maiores Conjuntos —, principalmente, no tocante aos representantes das Forças Singulares com seus encargos normais, proporcionará aquelas condições requeridas para se fazer face à Guerra Revolucionária com pleno êxito.

O misoneísmo é o grande entrave para a percepção da Guerra Revolucionária em toda a sua dimensão e significação, e na aplicação das ações adequadas e oportunas para enfrentá-la com sucesso.

Enquanto perdurar no mundo a agressão do Movimento Comunista Internacional e os motivos que lhe dão guarida, só nos resta para superá-lo: o entendimento perfeito da Guerra Revolucionária, o vigor legal, um governo resolutivo para aplicá-lo, e, finalmente, a luta incessante e bem conduzida para a consecução dos Objetivos Nacionais, particularmente, os Atuais Estratégicos nos prazos indicados pela realidade conjuntural.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - Guerra Revolucionária, Hermes de Araújo Oliveira.
- 2 - O Capital, Karl Marx (Edição resumida por Julian Borhardt, Tradução de Ronaldo Alves Schmidt, 3. a Ed).
- 3 - A Política de Luta, James D. Atkinson.
- 4 - Em Cima da Hora, Suzane Labin.
- 5 - Caderno nº 01 (Segurança Interna, Movimentos Revolucionários, Arma Psicológica, Informações de Segurança Interna, Guerrilha, Antiguerrilha e Forças Especiais), Curso de Atualização da ECEME (1971-1975).
- 6 - Estudo de Situação de Segurança Interna, ECEME.
- 7 - Guerra Revolucionária, ECEME.
- 8 - Técnica de Lavagem Cerebral, Charles Stickley.
- 9 - Instrução de Guerra Revolucionária, Gen Gda Meira Mattos.
- 10 - O Direito da Segurança Nacional, Mario Pessoa.
- 11 - Em Três Cêrceres Comunistas, Pe Tomaz Enriquez S.J., 3. a Ed., 1960.
- 12 - Marxismo e Cristianismo, Alfredo Buzaid; Brasília, 1970.
- 13 - Guerras Insurrecionais e Revolucionárias, Gabriel Bonnet.
- 14 - Luta de Guerrilhas (Natureza e Política), James Eliot.
- 15 - Comunismo de Karl Marx ao Muro de Berlim, Editora Abril Ltda., 1965.
- 16 - Lenine, Discípulo de Clausewitz, Donald E. Davis e Walter S.G. Kohn; *Military Review*, Set 71, Ed. Brasileira.
- 17 - Estudo da Guerra Revolucionária, Gen J.A. Paula Couto, *Cultura Militar*, Fev-Jun 72.
- 18 - Diário de Che Guevara.
- 19 - Necessidade da Assimilação da Doutrina do Inimigo, Maj Cav Pedro Correia Bruni; *Cultura Militar*, 1. o sem 6 67.
- 20 - Seminário de Segurança Interna, DPF; Brasília, 1969.
- 21 - Reflexões sobre a Guerra Insurrecional, Gen Bda Luiz Augusto de Oliveira, 1961.
- 22 - Brasil Potência, Gen Meira Mattos, *Rev Club Militar*, Abr 70.
- 23 - Caxias e a Guerra Insurrecional Farrapa, Maj Hernani D'Aguiar, 1961.
- 24 - Cristianismo e Marxismo: Tese e Antítese à procura de uma Síntese, D'Octávio Nicolás Derisi; *Revista Hora Presente*, Dez 71.
- 25 - Como Combater o Processo Revolucionário Comunista, Gen A.J. Paula Couto; *A Defesa Nacional*, Jan/Fev 71.
- 26 - A Nossa Viabilidade Para Grande Potência, Gen Meira Mattos; *Rev. Clube Militar*, Mar 71.
- 27 - *A Travers Les Livres et les Revues*, Comentários sobre a obra: "L'Union Soviétique survivrat-elle en 1984?", de Andrei Amalrik, por J.N. *Revue de Défense Nationale*, Dez 70.
- 28 - *La Guerra Revolucionária y la Acción Psicológica*, George A. Kelly, *Military Review*, Edición Hispanoamericana, 1960.

- 29 – Aspectos da Guerra Revolucionária, Maj Art Jonas Correia Neto; Mensário de Cultura Militar, Jan/Out 65.
- 30 – Bosquejo sobre os Antecedentes e a Revolução da Estratégia Revolucionária Russa, Cel F. Schneider; Mensário de Cultura Militar, Jan/Fev. 64.
- 31 – Preservação da Democracia – Ações Jurídicas e Político – Administrativas, Doutor Temistocles Brandão Cavalcante; Mensário de Cultura Militar, Jan/Fev 1964.
- 32 – Mao Tse Tung em Busca de uma Nova Verdade Marxista, Claude Delmas; Mensário de Cultura Militar, Set/Out 60.
- 33 – A Guerra Revolucionária na América Latina, Dr. Rodolfo Jorge de Lorenzo; Mensário de Cultura Militar, Jul/Ago 63.
- 34 – A Tática e a Estratégia na Guerra Revolucionária, J. Hogard; Mensário de Cultura Militar, Jul/Ago 59.
- 35 – Estudos de Segurança Interna e de Guerra Revolucionária, Sec. PIn/IV Ex.
- 36 – Relatório de Robert McNamara, Secretário da Defesa ao Presidente Lyndon B. Johnson, e do Gen Maxwell D. Taylor ao Secretário da Defesa MacNamara, ambos sobre a Guerra do Vietname, publicados no *The New York Times*, em Jun 71.
- 37 – Comunismo na África, W.F. Gutteridge; Mensário de Cultura Militar, Jul/Ago 64.
- 38 – As Três Guerras do Vietname, George K. Tanham e Frank N. Trager; Mensário de Cultura Militar, Jul/Ago 64.
- 39 – As Invasões Holandesas e a Insurreição Pernambucana-Aspectos da Guerra Insurrecional, Ensinaamentos Aplicáveis à Guerra Revolucionária, Cel A.Von Trompowsky; Mensário de Cultura Militar, Mai/Jun 62.